

Sexta-feira, 4 de março

● Nacional

Brasil, econômico; país do presente

Klaus Kleber

No início de 1982, a Libor para seis meses era de 15,75%; hoje caiu para 9%. A "prime rate" era de 15,3%, atualmente está a 10,5%; um barril de petróleo custava ao País, em média, US\$ 33, agora se pode comprá-lo por US\$ 29 ou menos; a economia dos Estados Unidos, em janeiro do ano passado, apresentou um crescimento negativo de 0,6% em relação a dezembro de 1981, em janeiro de 1983 bateu um recorde histórico crescendo 3,6%, a maior taxa mensal desde 1950.

Para um país com uma elevada dívida externa, importador de petróleo e com uma diversificada pauta de exportações, como o Brasil, nada poderia ser mais encorajador do que a conjuntura internacional no primeiro bimestre deste ano. Se tudo o que aconteceu agora tivesse ocorrido há um ano, o governo se sentiria confiante para prever que o País, depois da recessão, poderia retomar o caminho do crescimento. O fantasma do desemprego em massa pareceria exorcizado e não haveria o risco de termos de recorrer ao FMI. As empresas acreditariam.

Agora, as empresas não creem e não vêm. São difíceis de encontrar os empresários que demonstrem, pelo menos, certa esperança de uma melhoria significativa da situação interna diretamente em função de uma situação internacional particularmente favorável.

O governo procura demonstrar confiança, mas sem muita convicção. O discurso do presidente Figueiredo, esta semana pela televisão, exprimiu com perfeição a visível perplexidade hoje existente no centro do poder. O presidente afirmou que o governo acredita em uma recuperação da economia internacional, mas não pode ser tão ousado a ponto de tomar medidas que iria lamentar se essa recuperação não ocorresse.

Na cúpula que comanda a política econômica, deixou de haver dois partidos: o dos desenvolvimentistas e o dos monetaristas. Todos agora são farinha do mesmo saco. Mas a unanimidade não ajuda a decidir. O governo não reúne ânimo nem mesmo para estabelecer uma regra cambial confiável. Talvez porque isso encaminharia uma solução para a eterna questão dos juros, que deve continuar sendo protelada.

Deixou de haver futuro neste País. Hoje só há presente. Uma inflação anual de 104,9% é o padrão. A balança comercial apresenta resultados pífios: superávit de US\$ 155 milhões em janeiro e o acumulado no bimestre não deve ir muito além de US\$ 250 milhões. Média mensal: US\$ 125 milhões. Qualquer coisa além disso será excepcional e não se acredita mais em excepcionalidade, a não ser para efeito de expurgo nos índices.

Normalmente, com sinais tão promissores vindos de fora, esperar-se-ia que as empresas começassem a explorar desde logo as oportunidades que o mercado internacional poderia oferecer. Algumas já estão empenhadas nesse trabalho, mas são muito poucas. A maioria está ainda sob estado de choque e prefere contabilizar os prejuízos sofridos com a máx. Ninguém fala de possíveis lucros. Nem os banqueiros, que afirmam não desejar ser "síndicos de massa falida!".

A vantagem do Jóquei é que lá ainda se aposte.